

A Criança Velha

Para um estatuto da regressão da vida

Ensaio

1 A criança em contexto.

O nosso hábito é falar em criança. É pensar que falamos duma infância que se espalha entre o nascimento e a puberdade. No melhor dos casos. Na forma modelar dos casos, definida por mim no número anterior deste jornal na base dos Códigos Canónico e Civil aí citados. Criança, esse ser inocente e exemplo de responsabilidade penal ou civil até aos sete anos ou até aos catorze anos. Conforme a matéria de que trate o seu afazer. Criança inocente por não entender o mundo e estar a formar a sua epistemologia. Criança que não tem memória social, porém, não conhece o mundo, não tem contacto com a interacção social nem conhece as hierarquias nem percebe a responsabilidade. Excepto, a sua própria que lhe é inculcada pelos adultos, esses que têm o denominado uso da razão. A criança pequena, estudada por mim entre os Portugueses, Galegos e o grupo Picunche do Chile, sítio desde o qual escrevo. Pequenada que brinca e corre, que inventa jogos, que cresce e cruza pelos ciclos de vida até ser um adulto com todos os desejos e a responsabilidade aprendida enquanto desenvolve o seu julgamento aprendido no brincar e na escola, bem como juntar-se com a meninada com a qual estuda ou joga, na rua, na casa ou no pátio. É o seu contexto social, esse que lhe ensina a memória social, essencial para o convívio entre os seus e com o mundo que lhe cabe viver ao longo do tempo.

2 A criança velha.

Parece como se estivesse a falar duma meninada que não mexe, que não tem imaginário, que é triste. Como se tivesse mais anos dos que a cronologia do tempo nos diz. Bem queria eu falar desses. Fica prometido. Porque da criança velha que falo, a do círculo dos ciclos de vida, referidos por mim em outros textos e pelos especialistas em geriatria com os quais tenho tratado para entender essa viragem da vida. A vida começa em bebé primário e acaba em bebé secundário, dizem-me esses especialistas e diz-me a observação participante feita em terreno europeu ou latino americano. O ciclo bebé primário é curto e acaba quando o pequeno entra na memória social. O ciclo do bebé secundário é curto também: começa com a perda da memória social, da identidade de si, da identidade dos outros, do sítio onde mora. Não sabem onde estão. Não entendem as palavras. Confundem as situações. Pensam que o ser que está ao pé deles é o pai ou a mãe. É um regredir à infância. É um brincar com os símbolos que um dia para eles foram sagrados. É brincar com o terço como colar. É procurar os bonecos dos seus descendentes e cantar-lhes uma canção de embalar. Uma canção sem palavras, um sussurro gentil e sem melodia. Uma alegria permanente que oculta os sentimentos antigamente vividos e transferidos ao brinquedo que agora lhes fala. O bebé secundário quer o pequeno almoço à noite e em biberão, o jantar no meio do dia feito papa, foge para os cantos mais obscuros da casa. Gatinha por baixo das camas e come tudo quanto fica perto do seu voraz apetite, da sua eterna fome. Inventar nomes, baptiza os novos amigos, descobre ao seu redor imagens que mais ninguém vê e fala com eles. Às tantas, fica cansado e adormece no chão, ou no canto da cama onde o bebé secundário foi deitado com amor e carinho, para acordar cabeça abaixo e pés por cima da pessoa adulta que o acompanha. Ou, como relata um adulto que tem um bebé secundário, acorda a brincar sentado no peito do mesmo. E chama, chama, chama. Grita sons não perceptíveis para o glossário comum da memória social. Bebés secundários que usam fraldas, tiram das mesmas para satisfazer os seus desejos eróticos. Parte da memória genética que o bebé primário traz consigo ao nascer; parte da memória interactiva que o bebé secundário deixara ao abandonar a memória social. Esfregar genital que os adultos no dito uso de razão, rejeitam por acreditar numa ética pouco apropriada para tratar de crianças primárias ou secundárias. Adultos que pensam que o erotismo é pecado e deve-se guardar só para a idade da interacção, sem se lembrarem quer da sua infância, quer da sua puberdade, quer ainda da sua própria maturidade erótica, essa que adora jogar com o prazer que faz a reprodução. Prazer que faz crianças, porém, faz história. Prazer que nasce connosco e morre quando o corpo é carcaça sem espírito.

A criança velha tem espírito. A criança velha tem ideias do tamanho da sua idade infantil. Ideias que fazem rir os que ficam ao pé da criança velha. Esse acordar sufocado pelo peso dessa criança no peito, esse virar dos símbolos rituais do grupo social em brinquedos, é um desfazer a tradição que o grupo social consciente, respeita e obedece. Uma brincadeira engraçada convidar todas as pessoas que passam perto da criança velha para beber chá ou jantar. Esse dizer: "caramba, há tanta gente em casa!, o que é que vamos servir a todos" gente que são visitas dos outros bebés secundários que compartilham o dia a dia da criança velha. Criança velha que é docemente acarinhada enquanto está quieta na cama, ou espancada se faz mal ao adulto que perde a paciência pela persistência da brincadeira do tecnicamente denominado, adulto maior. Denominação pouco adequada.

Denominação que faz acreditar aos adultos, persistentemente referidos neste texto com uso da razão, sentir e pensar que a todo minuto e a todo momento esse bebé secundário quer música e alegria, cantos, bater de palmas, não mostrar sentimentos genuínos, inventar a vida. A esquecer esse grandalhão os hábitos anteriores do ciclo de vida da criança bebé que gostava do silêncio, da calma, da paz, do respeito. Conceitos que não lembra, mas que ficam ainda nos seus sentimentos. Porém, brincar só e quando o bebé secundário entra no delírio da sua própria alegria, para assim respeitar o afazer desse agora bebé, tal e qual se respeita ao bebé ao qual o grupo social está habituado, o bebé primário.

A criança velha foi um dia um adulto como todos nós, capazes de ler estas notas de campo e de as entender, adulto feito hoje uma criança que faz não entender o seu comportamento. Comportamento que quer calma e cuidado, canções de embalar que repete nas suas próprias ininteligíveis palavras. Amorosas palavras. Adoradas palavras. Queridos sons que a criança velha é ainda capaz de dizer e mostrar que está a viver uma outra vida. Que nos diz que quer respeito ao seu eu. Mesmo que nem saiba que o diz. Ou, mesmo ainda que os adultos seus não saibam como entender e fiquem cheios de desespero por as não perceber. E batam mais uma vez. Ou, já resignados a ter outra vez um bebé maior, saibam deitar-se ao pé dele e acariciar com ternura até adormecerem de cansaço, o adulto que entende a memória social e a criança velha que o seu código genético mandou abandonar. Para tristeza de quem vê e entende. Para desespero de quem tem que estar sempre ao cuidado desse ser que regride no seu ciclo de vida, esgotadas já todas as etapas. Até, um dia, morrer. Ensejo de todos os que estão perto do denominado adulto maior, que eu quis baptizar como bebé secundário ou criança velha, à espera dum melhor entendimento antropológico da sua espistemologia. Como entre nós tinha começado a estudar a nossa querida Antropóloga Susana de Matos Viegas. Como a experiência de Vilas Boas deveria chamar-nos a pesquisar.

3 Amor, paciência, troca.

Quis pôr como título o que o leitor pode apreciar: para um estatuto. Porque todo o ser humano está a precisar, neste século - e lá vão tempos que já precisava - um entendimento do acontecer do fim da vida de todo o ser, que acontece não ser a morte imediata, bem como a regressão. O ciclo fecha na regressão à idade da infância. Parece começar em bebé e acabar em bebé e, a seguir, a morte.

Mas um bebé adulto acaba por ser surpreendente para todos nós. Nem estamos à espera. Porque à espera sempre aprendemos a estar, de que a vida acabava com uma doença súbita, ou com uma doença conhecida e prolongada, ou ainda, numa idade precoce da vida. Hoje em dia, as pessoas vivem muitos mais anos, mas ainda não temos os elementos para sermos capazes de manter esses anos todos com uma consciência adequada à cronologia que esse adulto passa a viver.

Porém, escrevo estas linhas desde o meu trabalho de campo entre os Picunche do Chile. Picunche que têm um cerimonial especial para incorporar os mais velhos entre os sábios ou em sítios destinados às almas santas que dizem terem visto seres que tinham, faz tempo, desaparecido, e com eles falavam e deles reproduziam palavras que faz tremer aos vizinhos. Mas, classificados entre essas almas divinas, ou almas denominadas pelos antropólogos como "bruxas", o seu dizer é ouvido e respeitado sem ter que ser obedecido. Bem como outros analistas de grupos sociais têm observado a longevidade e o silêncio ou a raiva que a acompanham, como sinais do contributo que esse ser deu à sociedade e, pelo cansaço atingido, merecia respeito e bom acolhimento.

Para entender estes feitos, comparei com as pessoas do ocidente cristão, especificamente católico. Os que acreditam na ressurreição da alma e do corpo, é dizer, na imortalidade simbolizada no credo central das ideias. E percebi que a esse credo tinham-se juntado duas atitudes: a das pessoas que ajudam com orações, turnos de cuidado, missa, comunhão e solicitude amorosa para entreter o bebé regressivo; bem como, muito ao contrário, a das pessoas que vivem de tomar conta do bebé secundário da forma mais adequada a eles próprios: construir um lar, gerir esse lar, investir imenso lucro no alongamento da vida da pessoa que está a morrer um pouco cada dia no seu abandono da memória social. Observei pessoas a serem ressuscitadas com choques eléctricos, arrebidadas para além das suas forças, gastas no seu ciclo de criança, gastas à família, gastas para viver. Porque o adulto que regressa a ser bebé, sente, sofre e manifesta-o no grito. Não é casualidade, é dor, é mesmo dor dum corpo que sabe sem saber porquê. Assim, a criança velha, é mal tratada, mesmo essa mulher doce, senhora e serena que fui capaz de observar com os seus olhos enevoados, cansados, de boca aberta, incapaz já de brincar. Como brincam os seres regressivos sem darem por isso.

Fica assim, um começo para um estatuto do adulto maior, tantos como eles são hoje em dia e tantos que vamos ser em breve: a troca da dor final pelo viver mais um minuto numa vida pensada imortal. Estatuto que, por amor aos que tenho visto, por carinho a mim próprio, ao meu futuro e à minha vida, dedico a minha atenção de antropólogo especialista em crianças: à infância que nasce, à infância velha, nas suas respectivas cronologias. Para nos salvarmos da troca comercial que de nós fazem, vários, especialmente os descendentes aterrorizados de ver feito bebé ao seu adulto maior, esse que um dia os fez e os soube criar com amor. E para entendermos o actual ciclo de vida e saibamos, em casa, tomar conta da criança velha. Especialistas em família somos nós, os que em família sabemos viver: a cronologia do grupo mudou e o seu comportamento também. Hoje há crianças bebês e crianças velhas. Saibamos agir, especialmente em lares onde há pequenada nova, para se integrarem na heterogénea realidade da vida.

Raúl Iturra
Instituto Superior
de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) / Lisboa